

Sobre identidades e diferenças: as relações de alteridade em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie.

Rafaella Cristina Alves Teotônio (PPGLI)¹

Resumo:

A obra Hibisco roxo (2011), da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, é uma narrativa acerca da alteridade. Personagens diversos se cruzam e se chocam revelando as diferenças que compõe uma sociedade. No encontro entre a diversidade, a autora tenta representar um mundo em que os diferentes convivem cotidianamente, em relações que podem ser conflituosas, segregacionistas ou apaziguadoras. Em Hibisco roxo (2011), os personagens Kambili e Jaja ao viajaram para Nsukka, cidade universitária da Nigéria, encontram um universo bem diferente do que vivem, na relação com os primos, com a tia e com o avô eles percebem que a diferença é estabelecida a partir da convivência com outro, como compreende Eric Landowski (2011). O estudo pretende observar como as identidades se relacionam e se constroem a partir das relações de alteridade estabelecidas pelos personagens na obra de Chimamanda Ngozi Adichie.

Palavras-chave: *identidade; alteridade; sociedade.*

Introdução

Contar novas histórias acerca de um continente reconhecido por uma única história tem sido o empenho da escritora Chimamanda Ngozi Adichie. Vinda de uma família da classe média nigeriana, a autora tenta representar, em suas obras, imagens de uma África diferente da que foi escrita pelo Ocidente. Em seus livros, as diferenças se cruzam em relações de conflito ou de troca, dependendo das estratégias identitárias e dos afetos mantidos pelos sujeitos. Retratos de uma Nigéria pós-colonial, marcada por guerras e tentativas de desenvolvimento.

Em *Hibisco roxo* (2011), Kambili é uma adolescente que cresce ao ritmo do desabrochar dos hibiscos. Numa família de educação rígida e cristã, ela sofre com o fanatismo religioso de seu pai, Eugene (também chamado na narrativa de Papa), rico empresário com sérias dificuldades de aceitação das práticas religiosas tradicionais e que revela um comportamento ambíguo e violento. Beatrice, mãe de Kambili, é uma

¹ Email: (faelacristina@hotmail.com).

esposa submissa e maltratada pelo fanatismo do marido. Kambili e seu irmão Jaja viajam para Nsukka, cidade universitária da Nigéria, para passar uns dias na casa de Tia Ifeoma, mulher progressista, professora universitária que cria os filhos de maneira libertária, diferentemente de sua irmã Beatrice. Ao estarem na companhia dos primos Amaka, Obiora e Chima, do Padre Amadi e do avô Papa-Nunukwu, Kambili e Jaja encontram um novo universo, em que a modernidade provocou relações íntimas entre as crenças e obrigou comunidades pobres a buscar pelo progresso depois da derrocada do Estado Biafra². No universo de trocas que se chama sociedade, as várias histórias sobre um mesmo tema podem ser encontradas nas vozes e ações de personagens de lados opostos e entre aqueles que escapam dos lados, estando no *entre-lugar*, tal qual diz a respeito Bhabha (2005).

Identidades e diferenças

A trama de *Hibisco roxo* (H.R) começa pelo meio: a primeira parte da história se intitula *Quebrando deuses*, alusão ao momento em que, junto com as estatuetas da casa de Kambili, a crença religiosa dela e de seu irmão Jaja, incentivada pelo fanatismo do pai Eugene, sofre uma fratura que modificará as relações familiares e as visões de mundo dos dois.

É Domingo de Ramos, dia sagrado para os cristãos, comemorado antes da Páscoa. Ao ir à missa com a família, Kambili observa o pai, Eugene, receber a hóstia durante a comunhão, exatamente da forma que o Padre Benedict o ensinou – Eugene é um africano impregnado pela crença no catolicismo; cristão fervoroso, exerce os dogmas da igreja dentro e fora de casa, levando consigo a família. O olhar adolescente de Kambili já compreende os benefícios que os brancos herdaram em sua sociedade, mesmo após a colonização: “O Padre Benedict já estava em St. Agnes havia sete anos,

²No pós-1945 os povos *iórubás* tentaram estabelecer um estado independente, que culminou com a resposta dos *ibos*, traduzida numa eleição para presidência do Estado *ibo*, institucionalizando as diferenças entre os povos da Nigéria que a cada dia mais enfraqueciam os elos, havendo, portanto, confrontos que terminaram na criação do Estado independente de Biafra. No entanto, a guerra pela fundação desse Estado independente de Biafra não teve êxito, e a Nigéria conseguiu unificar seu território com o apoio da Grã-Bretanha e da URSS.

porém as pessoas ainda se referiam a ele como “o nosso novo padre”. Talvez não tivessem feito isso se ele não fosse branco (cf. H.R., 2011, p.10)”. A voz de Kambili, ao perceber os benefícios aos indivíduos de raça branca em sua sociedade, revela a compreensão das relações desiguais que ainda persistem na África entre brancos e negros, africanos e europeus. Na mesma passagem, Kambili conta como o Padre Benedict modificou a missa,

O padre Benedict mudara as coisas na paróquia, insistindo, por exemplo, que o credo e kyrie fossem recitados apenas em latim; igbo não era aceitável. Além disso, devia-se bater palmas o mínimo possível, para que a solenidade da missa não ficasse comprometida. Mas ele permitia que cantássemos músicas de ofertório em igbo; chamava-as de músicas nativas, e quando dizia “nativas” a linha reta de seus lábios pendia nos cantos e formava um U invertido. (cf. H.R., 2011, p.10).

Percebe-se, na passagem da narrativa, uma ironia claramente compreendida se o leitor absorver a voz adolescente de Kambili ao contar o que via. A narradora-personagem conta, com tom de normalidade, como o Padre Benedict modificou a missa em St. Agnes. Mas a normalidade contida na fala de Kambili exprime como a influência estrangeira dominou as sociedades africanas mesmo depois da colonização. A religião foi um instrumento importante de imposição dos costumes trazidos pelos europeus, como também de auxílio para a perpetuação da presuntiva superioridade perante os “nativos”. Segundo José Luís Cabaço (2009, p.84), a ação missionária durante a colonização tinha o objetivo de moldar a sociedade africana, sendo instrumento político da colonização:

A ação missionária definiu categoricamente o modelo de civilização a impor e, identificando os africanos como pagãos, introduziu a primeira classificação binária na relação com os povos colonizados: o europeu era o sujeito do processo civilizador e o africano seu objeto.

O colonizador, com a concepção de que sua crença era absoluta, identificava o africano como pagão a partir da sua diferença. Criava a imagem que opunha a sua para continuar perpetuando sua presuntiva superioridade no processo civilizador. Mas, mesmo diante do fim da colonização, a assimilação dos costumes europeus ainda era uma realidade que, através da modernização, os incitava a seguir o modo de vida que lhes colocassem como sujeitos na sociedade.

O personagem Eugene, de *Hibisco Roxo*, é a representação literária dos sujeitos que absorveram a imagem inferiorizada do africano, criada pelo colonizador. Nascido no seio das tradições africanas, logo depois incorporou a cultura ocidental, a partir da educação recebida nas escolas das missões. Tem em sua relação com o pai, Papa-Nnukwu, desprezo e negação do passado tradicionalmente africano. Em sua família, tenta construir, nos filhos, uma infância longe das tradições, as quais considera pecaminosas.

Segundo Eric Landowski (2002, p.3), para que o mundo faça sentido é preciso que ele apareça às pessoas como um universo articulado, em um sistema de relações formado por oposições. Somente o reconhecimento de uma diferença “permite constituir como unidades discretas e significantes as grandezas consideradas e associar a elas, não menos diferencialmente, certos valores, por exemplo, de ordem existencial, tímica ou estética” (idem, p.3). O pensamento do autor revela a dinâmica do mundo como um jogo de opostos, de relação entre diferenças em que se constituem os valores que perpetuam tensões entre os desiguais. Também o sujeito é forçado a se construir pela diferença e necessita de um “outro” que a defina. Como Landowski (idem, p.4) explica,

O que dá forma a minha própria identidade não é só a maneira pela qual, reflexivamente, eu me defino (ou tento me definir) em relação à imagem que outrem me envia de mim mesmo; é também a maneira pela qual, transitivamente, objetivo a alteridade do outro, atribuindo um conteúdo específico à diferença que me separa dele. Assim, quer a encaremos no plano da vivência individual ou como será o caso aqui – da consciência coletiva, a emergência do sentimento de “identidade” parece passar necessariamente pela intermediação de uma “alteridade” a ser construída.

A alteridade é fundamental para a construção da identidade ao definir o sujeito e para que ele se defina a partir do que o difere do outro. Em *Hibisco roxo* (2011) as relações entre os personagens podem ser compreendidas a partir da alteridade. É possível perceber isso nas construções dos personagens Eugene e Kambili, visto que vão se formar de modos distintos. Eugene constrói sua identidade a partir da diferença que o separa do mundo branco-europeu-ocidental. Ao entender essa diferença, ele tenta se igualar a ela, para poder ser reconhecido como sujeito e ter o benefício que almeja. A construção de sua identidade está na recusa do que ele é e na afirmação do que o outro é. Na construção da identidade de Kambili, percebe-se uma relação de alteridade diferente; a partir do que encontra de diferença, quando ela e seu irmão Jaja viajam para

casa da Tia Ifeoma, percebe o que poderia ser e que há possibilidades diferentes de ser e de se relacionar.

No trecho a seguir, Eugene demonstra orgulho pelo avô materno de Kambili por ser “quase albino” e por ter ensinado a ele o “caminho certo”, a afirmação da suposta superioridade da raça branca por Eugene demonstra como o personagem aceita a inferioridade para si por ser um indivíduo africano e negro. Kambili, logo após visitar seu avô paterno, odiado por seu próprio filho, compara as relações.

Vovô tinha a pele muito clara, era quase albino, e diziam que esse fora um dos motivos pelos quais os missionários haviam gostado dele. Insistia em falar inglês, sempre, com um forte sotaque igbo. Sabia latim também, citando muitas vezes os artigos do Concílio Vaticano I, e passava a maior parte do tempo em St. Paul's, onde havia sido o primeiro catequista. Insistira para que o chamássemos de Vovô em vez de Papa-Nnukwu ou Nna-Ochie. Papa ainda falava muito dele, os olhos cheios de orgulho, como se Vovô fosse seu pai. Ele abriu os olhos antes da maioria do nosso povo, dizia Papa; foi um dos poucos que acolheram os missionários. Vocês sabem a rapidez com que ele aprendeu inglês? Quando se tornou um intérprete, sabem quantas pessoas ajudou a converter? Ora, ele converteu pessoalmente quase toda a população de Abba! Fazia as coisas do jeito certo, do jeito que os brancos fazem, não como nosso povo faz agora! (cf. H.R., 2011, p.75)

Eugene idolatrava o avô materno de Kambili por ter assimilado os costumes europeus tanto quanto ele, tornando-se exemplo para o seu ideal de cristão convertido à maneira dos brancos. Kambili, ao lembrar o que o Pai, Eugene, dissera, enfatiza a ideia de superioridade que esse via nos brancos e no que os missionários fizeram pela Nigéria.

A narrativa não-linear proferida pela narradora-personagem Kambili se compreende como uma rememoração do passado pela personagem que fala no seu tempo presente, caracteriza-se como um testemunho sobre a sua adolescência, marcada pelo fundamentalismo religioso do pai, Eugene. O romance começa com a tensão da primeira frase “as coisas começaram a se deteriorar lá em casa quando meu irmão, Jaja, não recebeu a comunhão, e Papa atirou seu pesado missal em cima dele e quebrou as estatuetas da estante” (cf. H.R., 2011, p.9).

O princípio da narrativa já começa por revelar ao leitor a fúria religiosa do pai, Eugene, e o conduz ao ponto da trama em que se tem o “começo do fim”. Logo após, as outras partes se caracterizam como as lembranças de Kambili, sobre como se chegou até o ponto em que finalmente se rompe o silêncio da sua família, se quebram os dogmas e

crenças, os deuses e as estatuetas da estante da sala da protagonista. Nos últimos parágrafos desta primeira parte, Kambili começa a “viagem” de volta ao passado, na tentativa de compreender qual o efeito que trouxe a consequência do desmembramento de sua família, “fiquei deitada na cama depois que Mama foi embora, deixando minha mente remexer o passado, pensando nos anos em que Jaja, Mama e eu falávamos mais com o espírito do que com nossos lábios. Até Nsukka. Nsukka começou tudo” (cf. H.R., 2011, p.22). A estadia na casa da tia Ifeoma, a qual é descrita nas próximas partes do romance, marca o momento em que Kambili e seu irmão começam a encontrar um novo mundo que mudará suas vidas.

Joel Candau (2011) explica que a memória constrói a identidade. Ao relembrar os fatos do passado, Kambili pratica então uma *mnemosyne*, uma memória de si. Com esse mergulho na memória, ela tenta compreender como se construiu sua identidade. Em meio a essa busca pela parte do *eu* que se perdeu, a personagem elabora, na narrativa, uma evolução, revelando uma construção de si que na trama é simbolizada pela transformação das cores dos hibiscos roxos, que são a representação metafórica da transformação de Kambili na narrativa: “Mas minhas lembranças não começavam em Nsukka. Começavam antes, quando todos os hibiscos do nosso jardim da frente ainda eram de um vermelho chocante” (cf. H.R., 2011, p. 22). Há também, nessa tentativa de buscar a si mesmo, uma *preocupação com o eu* (FOUCAULT, 1982), uma forma de revisitar o passado e encontrar respostas para ações, situações e sentimentos vividos, uma análise de si, terapêutica, mas também uma forma de registro das memórias e subjetividades do sujeito que conta, que se conta e se reconta.

É importante, também, analisar como a alteridade existente na relação entre os personagens afirma a identidade deles. Nos trechos em que observamos a voz de Eugene, ou nos trechos em que Kambili reproduz a fala do pai, percebemos a afirmação do preconceito de Eugene contra o pai por ser pagão. Em um dos trechos ele diz, “- Não gosto de mandar vocês à casa de um pagão, mas Deus vai protegê-los” (p.70), em outro trecho Kambili explica porque o avô não pode visitá-los,

Mais tarde naquela manhã, quando saímos de carro de nossa propriedade, eu me virei para permitir que meus olhos passassem, mais uma vez, pelas pilastras e muros brancos cintilantes de nossa casa, pelo perfeito arco de água prateado que o chafariz fazia. Papa-Nnukwu jamais pisara ali, pois quando Papa decretara que não permitiria pagãos em sua propriedade, não abria exceção nem para o próprio pai.

- Seu pai disse que é para vocês ficarem quinze minutos – disse Kevin ao estacionar na beira da estrada, perto da propriedade com muro de sapê de Papa-Nnukwu. (cf. H.R., 2011, p.70).

A descrição da casa de Eugene em comparação ao “muro de sapê de Papa-Nnukwu” só revela, na narrativa, a desigualdade e abandono de Eugene ao pai. Sua crença era tão fervorosa que não chegava a admiti-lo nem mesmo em sua casa, pois se tratava de um pagão. Eugene permitia que os filhos passassem apenas quinze minutos na casa do avô, pois a *umunna*, espécie de extensão da família, costume africano em que cada decisão tomada na família era revista em reunião com os membros da *umunna*, possibilitava esta condição, alegando que Papa-Nnukwu era muito velho, apesar de pagão e tinha o direito de ver os netos.

A interferência da *umunna* na família de Eugene demonstra que mesmo absorvido por uma cultura europeia ele não pode escapar de costumes tradicionais que ainda fazem parte das sociedades africanas. A socióloga Maria Paula G. Meneses, em seu artigo *Corpos de violência, linguagens de resistência* vai interpretar esta negociação entre bens culturais múltiplos como característico da modernidade, em que os sujeitos entendem que dependem de uma harmonia social para viver. Reconhecendo a diversidade de identidades, as pessoas incorporam identidades e capacidades “estrangeiras”, como o que acontece com Eugene. A sobrevivência da estrutura familiar como *umunna*, ideia de família como comunidade, em que membros distantes podem interferir nas decisões familiares é a prova de que os sujeitos africanos não somente assimilaram os costumes estrangeiros, como também transformaram seus costumes de acordo com uma lógica mais condizente com a “modernidade local”. Meneses (2008, p.171) explica estas “estratégias de identidade”,

O reconhecimento “informal” de identidades múltiplas leva as pessoas a tentar incorporar identidades e capacidades dos “estrangeiros” nas suas próprias identidades; ou, ainda, a sustentar crenças de identidade suficientemente flexíveis para negociar de forma produtiva os seus interesses. Tais “estratégias de identidade” refletem percepções contestadas do que é pensado para o bem comum e para quem, e da ambivalência generalizada acerca de como e para que fins o poder deve ser usado.

Tornar flexíveis os próprios costumes fazia com que o africano não se desligasse totalmente de sua cultura e seu modo de vida característico, negociando, quando possível com a dinâmica social que se modernizava aos moldes estrangeiros. Essa negociação cultural também é representada na narrativa de *Hibisco roxo* (2011) na vivência de

alguns personagens que, diferente de Eugene, aceitam o *entre-lugar* de suas identidades, sendo possível perceber isso na relação de Tia Ifeoma, irmã de Eugene com as crenças cristãs e tradicionais, as quais ela adota e pratica em comunhão.

Ainda tentando compreender como se estabelece a relação de alteridade entre Eugene e Papa-Nnukwu, percebe-se que o tom violento de Eugene emana quando sua crença católica é ameaçada. A relação com o pai traz para Eugene e sua família o encontro conflituoso com a diferença. Tomaz Tadeu da Silva (2000) entende que a produção da diferença está ligada a concepção de identidade, dialogando com Landowski (2002) que diz respeito à construção da identidade pela alteridade, o pensamento de Silva é relevante,

Em geral, consideramos a diferença como um produto derivado da identidade. Nesta perspectiva, a identidade é a referência, é o ponto original relativamente ao qual se define a diferença. Isto reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos. Por sua vez, na perspectiva que venho tentando desenvolver, identidade e diferença são vistas como mutuamente determinadas. (SILVA, 2000, p.73).

Toma-se como diferença aquilo que não é igual. Isto responde à lógica de desigualdade e superioridade estabelecida no mundo social. Na narrativa de *Hibisco Roxo* (2011), a autora Chimamanda Ngozi Adichie, abusa da ironia ao tratar da diferença, levando o leitor a se chocar com a procura de Kambili por tentar entender o que torna Papa-Nnukwu diferente de Eugene. Por que ser cristão é melhor do que ser pagão? A narração de Kambili revela sentimentos de descoberta, curiosidade, dúvida e estupefação.

Naquele dia eu também examinara Papa-Nnukwu, desviando o olhar quando ele me encarava, procurando por um sinal que marcasse sua diferença, sua condição de pessoa ímpia. Não vi nenhum, mas estava certa de que eles deviam estar em algum lugar. Tinham de estar. (cf. H.R., 2011, p.71)

Ao visitar Papa-Nnukwu, Kambili sente curiosidade em saber por que é tão ruim ser um pagão, como sempre afirma seu pai. Ao examinar a casa do avô, os objetos simples, a sua gentileza e delicadeza ao tratar os netos, Kambili não compreende onde está a “marca da diferença”, mas acredita que irá encontrá-la em algum lugar.

Beatrice, esposa de Eugene é uma personagem silenciosa na trama, sofre constantes ataques violentos do marido, mas continua a se submeter a este, que assim como Kambili também admira. Na narrativa de *Hibisco Roxo*, a alteridade exercida entre Beatrice e tia Ifeoma demonstra a visão plural de Adichie ao construir seus personagens; mesmo as mulheres, tipicamente marginalizadas, se encontram em suas obras em tons diversos, umas submissas ao machismo e ao patriarcalismo da sociedade, outras, em vias de libertação ou desafiadoras do sistema que os oprime. Assim se tem a oposição entre Beatrice e Ifeoma e entre Kambili e Amaka. No diálogo entre Beatrice (também chamada de Mama) e tia Ifeoma percebe-se a diferença de pensamento entre as duas,

Fiquei observando os lábios delas se moverem enquanto conversavam. Os de Mama eram pálidos se comparados aos de tia Ifeoma, que estavam cobertos por um batom bronze-brilhante.

– A umunna sempre diz coisas que magoam – disse Mama.

- Nossa própria umunna não disse a Eugene que ele devia escolher outra esposa, pois um homem de sua estatura não pode ter só dois filhos? Se pessoas com você não tivessem ficado do meu lado naquela época...

- Pare, pare com essa gratidão. Se Eugene tivesse feito isso, a perda teria sido dele, não sua.

- Isso é o que você diz. Uma mulher com filhos e sem marido é o quê?

- Eu. (cf. H.R., 2011, p.83).

O diálogo da narrativa de *Hibisco roxo* mostra como a sociedade nigeriana se mantinha de maneira patriarcal, posicionando a mulher no papel de objeto que valoriza o status do marido, principalmente se conceber a ele muitos filhos, enquanto a personagem Ifeoma tem um pensamento que foge a essas regras, tendo em vista que é solteira e não depende de uma figura masculina para criar os filhos. Em outro trecho da obra, percebe-se a diferença entre Kambili e Amaka. A alteridade proporcionada pelo convívio com a prima Amaka, trará para Kambili o desejo de viver coisas que foram proibidas pela educação do pai:

Queria dizer às meninas que meu cabelo era de verdade, que eu não usava extensões, mas as palavras não saíam. Eu sabia que elas ainda estavam conversando sobre cabelo, comentando como o meu era comprido e cheio.

Queria conversar com elas, rir com elas, rir tanto até começar a pular no mesmo lugar como elas faziam, mas meus lábios insistiram em permanecer fechados. Como eu não quis gaguejar, comecei a tossir e corri para o banheiro. (cf. H.R., 2011, p.152).

A alteridade proporcionada pela estadia de Kambili e Jaja a casa da tia provoca neles uma transformação que se revelará ao longo da trama, pois as diferenças entre o espaço de sua casa, fundamentalista, rígido e silencioso e o espaço da casa de tia Ifeoma, alegre, sincrético e solidário, propõe a eles repensarem sobre o que são e sobre o que poderiam ser.

Conclusão

A discussão acerca do encontro entre as diferenças que demanda a leitura de *Hibisco Roxo* (2011) é própria de uma literatura que pretende ser mais do que literatura, pretende provocar no leitor mais do que o prazer estético. A escrita de Adichie é uma escrita que procura em si mesmo o outro, como diz a respeito Deleuze (1997, p.13) acerca do fazer literário, “As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu (o “neutro” de Blanchot)”. *Hibisco roxo* proporciona, portanto, o debate acerca da alteridade, acerca do transformar-se a partir deste outro que lhe define e lhe impõe uma distância, uma transformação para o bem ou para o mal.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Hibisco roxo*. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora, UNESP, 2009.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LANDOWSKI, Eric. *Presenças do outro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

MENESES, Maria Paula G. *Corpos de violência, linguagens de resistência: As complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo*. In: Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, Março, 2008, p. 161-194.